

Escola para quê? Educação

28 NOV 1985

EURIDES BRITO DA SILVA



Nosso tempo assiste a uma sensível demanda por educação, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. As matrículas e despesas educacionais crescem como bola-de-neve e, ainda assim, não se consegue atender satisfatoriamente à procura. Estas dimensões nos levam a refletir sobre os papéis desempenhados pela escola. Para que serve? Que tarefas explícitas e implícitas executa?

Buscando o auxílio das ciências da educação, não encontramos uma, mas várias respostas, que, não raras vezes, até se entrecroçam. Trata-se de uma torre de Babel em que temos dificuldade de entender tantas teorias que se proclamam verdadeiras. Assim, uma delas afirma que a escola distribui conhecimentos e habilidades, bem como desenvolve atitudes necessárias à vida do indivíduo, sobretudo ao seu trabalho. Como a vida em geral e o trabalho na sociedade industrial se tornam cada vez mais complexos, a sociedade dependerá da escola para preencher as posições do mercado de trabalho. Deste modo, caminharemos para sociedades baseadas no mérito e não no nascimento, influências pessoais etc. A escola seria, pois, uma instituição valiosa para a democratização da sociedade.

No entanto, várias outras posições são muito menos favoráveis à escola. Para

uma delas, a educação seria simultaneamente espelho e molde da sociedade. Espelho porque as escolas se diferenciam conforme as classes sociais e molde porque a educação se baseia nestas diferenças para formar os indivíduos, de tal modo que venham a ocupar as mesmas posições dos seus pais. Outra corrente vê uma relação estreita (mas não direta) entre características culturais e lingüísticas herdadas pelo indivíduo e seu sucesso na escola. Os mais bem-dotados pelo seu meio familiar tenderiam a ser bem-sucedidos, enquanto os demais cairiam durante a corrida de obstáculos da escolaridade. Em consequência, alguns conseguem chegar ao final da maratona pelo mérito, mas a maioria fracassa. Assim, a escola, reproduzindo as diferenças sociais, dá a falsa aparência de que o insucesso se deve à incapacidade do educando.

Ainda outro enfoque vê a educação como meio de alienação, que reforça as rela-

ções de dependência entre regiões centrais e periféricas. Deste modo, sob essas perspectivas, a escola nada mais faria que repetir injustiças sociais. A educação não puxaria as grandes transformações sociais, mas tenderia a acompanhá-las como reboque.

Entretanto, outros posicionamentos têm uma visão menos inflexível e pessimista. Por exemplo, um deles afirma que existe uma avenida de mão dupla entre as instituições culturais e o resto da sociedade. Portanto, seria possível deflagrar mudança através das primeiras. Uma das consequências que dele se extrai é que a escola deve procurar cumprir suas funções básicas, especialmente as de ensinar a ler e escrever, do melhor modo possível. Isto já seria um grande passo.

Ainda outra proposta indica o caminho da conscientização do homem como parte integrante de um grupo, através de uma educação

baseada no diálogo. Capaz de ver sua situação, o homem pode transformá-la.

Tamanha diversidade de pontos de vista nos conduz a uma posição de humildade. Pouco sabemos sobre a escola. Não podemos, então, afirmar grandes certezas nem sair defendendo com unhas e dentes verdades definitivas. Seria ingênuo, por exemplo, acreditar que as pessoas são selecionadas somente com base no seu mérito e que a escola distribui só competência. Da mesma forma, seria suicídio imaginar que a escola nada mais é que um eco de situações sociais injustas. Também seria, em muitos casos, arriscado pensar que a escola sozinha (ou quase) tem o poder de virar a mesa. No entanto, não podemos negar que a escola cria competências, reproduz injustiças e pode gerar transformações. O grande problema é que, sem desejar fazer um coquetel, existe alguma razão em cada alternativa. Quando abandonamos uma, empobrecemos-nos. Quando juntamos visões particulares, enriquecemos-nos. Assim é a arte humana de andar sobre a corda bamba. Conhecer é sempre ter dúvidas. É considerar que o que sabemos é permanente enquanto dura, parafraseando o poeta...

Eurides Brito, ex-Secretária de Educação e Cultura do DF, é professora da UnB e vice-presidente do Conselho Mundial de Educação Comparada.